

sami mattar

na perfite galerie



11 de maio de 1970 às 21 horas
praça general osório, 53

Dentro dos sistemas de mediações interdependentes e intercondicionantes que pos-
samos descobrir, é quase impossível deixar de reconhecer que a linguagem é um códi-
go que repete, no nível da abstração, mas através de signos concretos, as entidades
e relações do real — seja este de coisas, seja de coisas sôbre coisas, seja de imagi-
nação, fantasias, invenções, premonições, intuições, ilusões.

Mas a linguagem no homem é forma instrumental com que possa ser mais homem,
fazendo, pensando, refazendo, repensando, para tentar ter o com que possa vencer
suas limitações, inclusive o sofrimento e, tentativamente, a morte. E sofre e morre nessa
aventura, vivendo.

O artista faz — utilitariamente sempre, ainda quando se criem e se discutam
as categorias do suntuário, do gratuito, do ostentário, do desnecessário. Faz mediações,
como gera ou cristaliza muitos, fantasmas, duendes e sonhos — com que se e nos alimenta
de outro alimento, nem mais puro nem mais impuro, mas tão vital.

Há épocas em que o espectro daquele real é aprofundado — para a direita,
para cima, para baixo, para dentro, para fora retilínea, sinuosa, descontínua, assin-
tótica, espasmódica, combinatòriamente. E os esquemas habituais de percepção e
intelecção se rompem para se conformarem com as novas formas que portam, queiram
ou não, novos conteúdos e inconteúdos.

Se a área social dos subversores dos esquemas é limitada quantitativamente, é,
entretanto, messiânicamente obstinaz e não raro recebida com aleluias dentro da
própria área. E colide com as outras áreas às vèzes se fazer esquema habitual.

Estamos ante um artista inserido no inabitual, vale dizer, na busca, quase se
diria na busca pela busca, quase na busca pela busca pela busca. De materiais,
de superfícies, de volumes, de grafismos, de côres de reflexos de luminescências, de
aparências, de efeitos — no que já se disse ser biônico, mas pode ser também psicônico
e mesmo patônico.

Essa busca, embora se queira pan-humana, é assim arquetípica, intemporal e ines-
pacial. Qual? Quando? Onde? Qualquer; **nunc e semper**; algures ubíquo.

Não se trata de uma arte **saída** da propaganda, nem a serviço dela, nem contra ela.
Ela se propõe, para questionar, pedir que o contemplador lhe veja um sentido com
o artista, ou contra ou apesar d'ele. Isso fadiga, mas às mentes abertas gratifica
como ludismo, como exercício ou como repitamos — alimento.

A essência da arte — não **mimesis** em sentido estreito, mas **poiesis** em sentido
lato — revém, como pergunta angustiante. A própria categoria do belo fica provisò-
riamente suspensa, pois não é repto nesse nível — embora em Sami Mattar o artesão
e artífice está também tão presente, que a factura é sempre amorosamente acabada.

Criador de quimeras, maquinomens, mecanomens, anteposts trântipos, pântipos
últipos, éle aí está, ante vós, novíssimo e antiqüíssimo, a revolver arcanos pretéritos
e futuros, e a propor-vos redivivo um "decifra-me", sem risco para o "devoro-te",
embora seja certo que, ao cabo, saireis mais humanizado feliz ou sofrido não importa,
mas seguramente diferente, para mais e melhor se o quiserdes.

No literalmente infinito de opções que se lhe antepõem, há que querer mais
de um artista que optou com devoção e concretiza com garra?

Antônio Houaiss

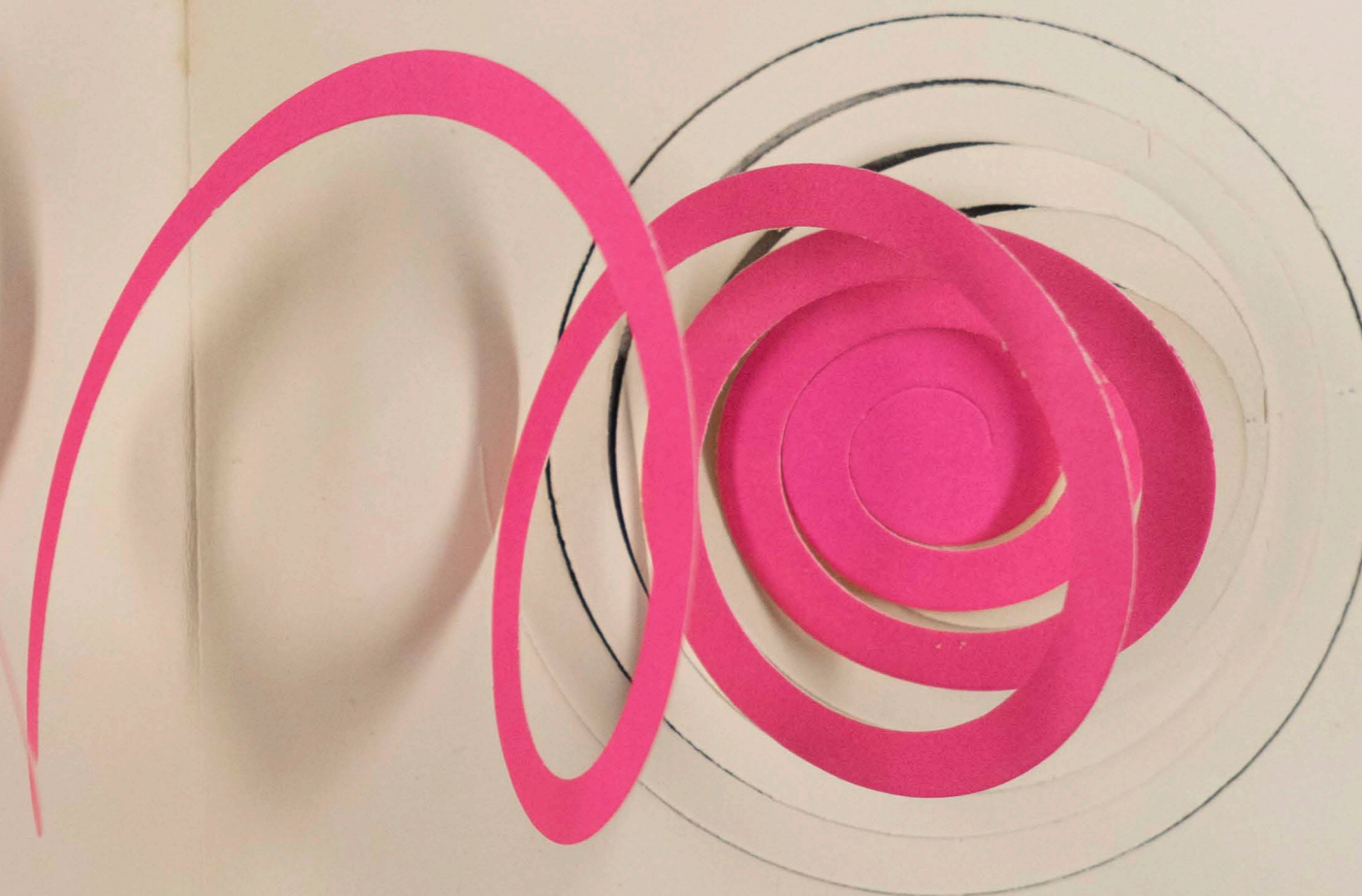
Sami Mattar - Autodidata

(Libano — 18/2/1930) no Brasil desde 1936.

Exposições

- 1954 — 1.º Individual — Galeria Minart — Belo Horizonte
1962 — Individual — Galeria Santa Rosa — Rio
1965 — 1.º Exibição de Arte Visual do Brasil (Menção)
1965 — 1.º Salão Esso — MAM — Rio
1966 — 2.º Exibição de Arte Visual do Brasil (Menção)
1966 — XV Salão de Arte Moderna — MEC — Rio
1966 — Nova Objetividade Brasileira — MAM — Rio
1966 — 1.º Bienal da Bahia — Salvador
1966 — Salão de Arte Moderna — Belo Horizonte (Menção)
1966 — 1.º Ciclo de Estudo da Arte Brasileira —
G. Macunaima
1967 — XVI Salão de Arte Moderna MEC — Rio
1967 — IX Bienal de São Paulo — São Paulo
1967 — Salão Nacional de Brasília — (Menção)
1967 — 2.º Salão Esso — MAM — Rio
1968 — Individual em S. Paulo — Galeria Art.-Art
1968 — 4.º Exibição de arte Visual do Brasil — (Menção)
1968 — XVII Salão de Arte Moderna — MEC — RIO —
Isenção de Júri
1968 — Salão Paulista — S. Paulo
1968 — Arte no Atérro — Rio
1968 — 1.º Feira de Arte — MAM — Rio
1968 — 2.º Bienal da Bahia — Salvador
1969 — Manifesto "Expansão" — MAM
1969 — 5.º Exibição de Arte Visual do Brasil (Menção)
1969 — 1.º Supermercado de Arte
1969 — Lançamento do 1.º Poster-Poema no Brasil (Sigla
Viva) com o poeta Heitor Humberto de Andrade
1969 — XII Salão Nacional de Arte Moderna — MEC — Rio
1969 — X Bienal de S. Paulo (Convidado) — Aquisição
1969 — Salão da Bússola

instituto de arte contemporânea



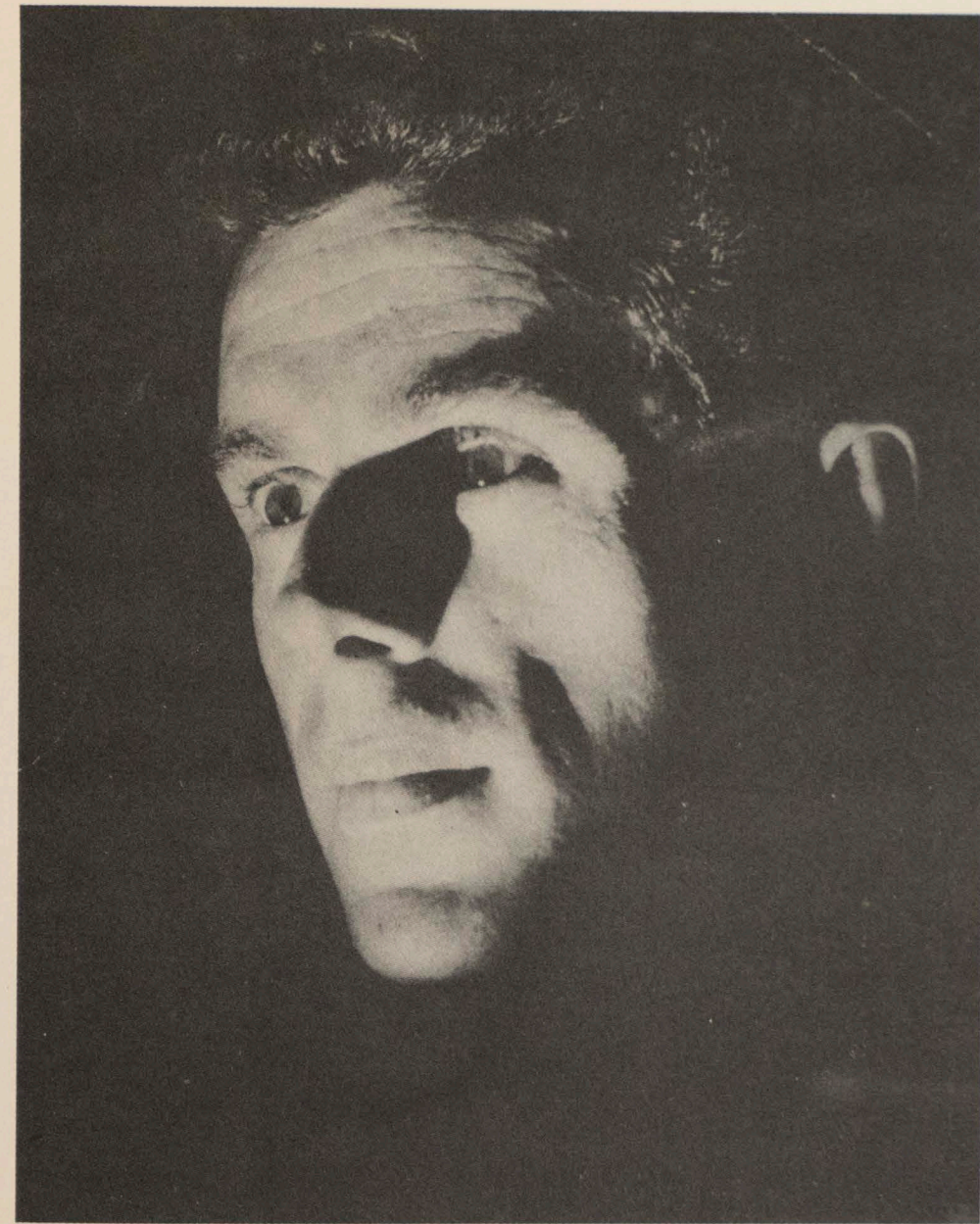
sami maffar

na perife galerie



11 de maio de 1970 às 21 horas
praça general osório, 53

instituto de arte contemporânea



instituto de arte contemporânea



instituto de arte contemporânea

Dentro dos sistemas de mediações interdependentes e intercondicionantes que podemos descobrir, é quase impossível deixar de reconhecer que a linguagem é um código que repete, no nível da abstração, mas através de signos concretos, as entidades e relações do real — seja este de coisas, seja de coisas sobre coisas, seja de imaginação, fantasias, invenções, premonições, intuições, ilusões.

Mas a linguagem no homem é forma instrumental com que possa ser mais homem, fazendo, pensando, refazendo, repensando, para tentar ter o com que possa vencer suas limitações, inclusive o sofrimento e, tentativamente, a morte. E sofre e morre nessa aventura, vivendo.

O artista faz — utilitariamente sempre, ainda quando se criem e se discutam as categorias do suntuário, do gratuito, do ostentário, do desnecessário. Faz mediações, como gera ou cristaliza muitos, fantasmas, duendes e sonhos — com que se e nos alimenta de outro alimento, nem mais puro nem mais impuro, mas tão vital.

Há épocas em que o espectro daquele real é aprofundado — para a direita, para cima, para baixo, para dentro, para fora retilínea, sinuosa, descontínua, assintótica, espasmódica, combinatòriamente. E os esquemas habituais de percepção e intelecção se rompem para se conformarem com as novas formas que portam, queiram ou não, novos conteúdos e incontinentes.

Se a área social dos subversores dos esquemas é limitada quantitativamente, é, entretanto, messiânicamente obstinaz e não raro recebida com aleluias dentro da própria área. E colide com as outras áreas às vezes se fazer esquema habitual.

Estamos ante um artista inserido no inabitual, vale dizer, na busca, quase se diria na busca pela busca, quase na busca pela busca pela busca. De materiais, de superfícies, de volumes, de grafismos, de côres de reflexos de luminerências, de aparências, de efeitos — no que já se disse ser biônico, mas pode ser também psicônico e mesmo patônico.

Essa busca, embora se queira pan-humana, é assim arquetípica, intemporal e inespacial. Qual? Quando? Onde? Qualquer; **nunc** e **semper**; algures ubíquo.

Não se trata de uma arte **saída** da propaganda, nem a serviço dela, nem contra ela. Ela se propõe, para questionar, pedir que o contemplador lhe veja um sentido com o artista, ou contra ou apesar dele. Isso fadiga, mas às mentes abertas gratifica como ludismo, como exercício ou como repitamos — alimento.

A essência da arte — não **mimesis** em sentido estreito, mas **poiesis** em sentido lato — revém, como pergunta angustiante. A própria categoria do belo fica provisoriamente suspensa, pois não é repto nesse nível — embora em Sami Mattar o artesão e artífice está também tão presente, que a factura é sempre amorosamente acabada.

Criador de quimeras, maquinomens, mecanomens, anteposts trântipos, pântipos útipos, êle aí está, ante vós, novíssimo e antiqússimo, a revolver arcanos pretéritos e futuros, e a propor-vos redivivo um "decifra-me", sem risco para o "devero-te", embora seja certo que, ao cabo, saireis mais humanizado feliz ou sofrido não importa, mas seguramente diferente, para mais e melhor se o quiserdes.

No literalmente infinito de opções que se lhe antepõem, há que querer mais de um artista que optou com devoção e concretiza com garra?

Antônio Houaiss